

Estado da publicação: O preprint não foi publicado em outro meio.

Panorama florestal da autoria: o conceito de autor na educação básica

Vanessa Just Blanco, Luciana Backes

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.15476>

Submetido em: 2026-03-16

Postado em: 2026-03-20 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

PANORAMA FLORESTAL DA AUTORIA: O CONCEITO DE AUTOR NA EDUCAÇÃO BÁSICA

VANESSA JUST BLANCO¹

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6093-9093>

<vanessa.jblanco@gmail.com>

LUCIANA BACKES²

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1395-122X>

<luciana.backes@unilasalle.edu.br>

¹ Unilasalle. Canoas, Rio Grande do Sul (RS), Brasil.

² Unilasalle. Canoas, Rio Grande do Sul (RS), Brasil.

PANORAMA FLORESTAL DA AUTORIA: O CONCEITO DE AUTOR NA EDUCAÇÃO BÁSICA

RESUMO: Este artigo analisa o conceito de autor construído por adolescentes do 6º e 9º ano do Ensino Fundamental, tomando como eixo interpretativo a metáfora do “panorama florestal da autoria”. Vinculado a uma pesquisa-ação de doutorado em Educação ainda em andamento, a pesquisa buscou compreender como estudantes conceituam o autor, observando as dinâmicas de atualização e virtualização deste conceito, à luz de Lévy e Piaget. Participaram doze estudantes de uma escola pública municipal do sul do Brasil, organizados em dois grupos correspondentes às etapas escolares investigadas. Os dados foram produzidos por meio da escrita de cartas, rodas de conversa, construção coletiva da “Árvore da Autoria” (cartaz) e interação digital, sendo analisados segundo a Análise Textual Discursiva. Os resultados evidenciam que os alunos do 6º ano tendem a associar o autor exclusivamente ao escritor de livros, revelando concepções pautadas no senso comum e heterônomas, com baixa percepção de si como autores. Já os estudantes do 9º ano ampliam o conceito para “criador de algo”, incluindo diferentes linguagens, suportes e, em alguns casos, inteligências artificiais, demonstrando maior abstração reflexiva e flexibilidade em relação a regras. Além disso, reconhecem parcialmente a si mesmos como autores. Conclui-se que a conceituação do autor influencia diretamente a percepção de autoria discente e pode validar ou inibir o autorar na escola. Defende-se a necessidade de práticas pedagógicas intencionais que problematizem o senso comum e favoreçam a tomada de consciência do aluno como sujeito autor.

Palavras-chave: autoria, educação básica, conceituação, virtualização.

FOREST PANORAMA OF AUTHORSHIP: THE CONCEPT OF AUTHOR IN BASIC EDUCATION

ABSTRACT: This article analyzes the concept of author constructed by 6th and 9th grade elementary school students, using the metaphor of the “forest panorama of authorship” as an interpretive axis. Linked to ongoing doctoral action research in education, the study sought to understand how students conceptualize authorship, observing the dynamics of actualization and virtualization of this concept, in light of Lévy and Piaget. Twelve students from a municipal public school in southern Brazil participated, organized into two groups corresponding to the school grades investigated. The data were produced through letter writing, conversation circles, collective construction of the “Tree of Authorship” (poster), and digital interaction, and were analyzed according to Discursive Textual Analysis. The results show that 6th-grade students tend to associate the author exclusively with the writer of books, revealing conceptions based on common sense and heteronomous, with low perception of themselves as authors. Ninth-grade students, on the other hand, broaden the concept to “creator of something,” including different languages, media, and, in some cases, artificial intelligence, demonstrating greater reflective abstraction and flexibility in relation to rules. In addition, they partially recognize themselves as authors. It can be concluded that the author's conceptualization directly influences the perception of student authorship and can validate or inhibit authorship in school. The need for intentional pedagogical practices that challenge common sense and promote student awareness as authors is defended.

Keywords: authorship, basic education, conceptualization, virtualization.

PANORAMA FORESTAL DE LA AUTORÍA: EL CONCEPTO DE AUTOR EN LA EDUCACIÓN BÁSICA

RESUMEN: Este artículo analiza el concepto de autor construido por adolescentes de 6.º y 9.º curso de la educación básica, tomando como eje interpretativo la metáfora del “panorama forestal de la autoría”. Vinculada a una investigación-acción de doctorado en Educación aún en curso, la investigación buscó comprender cómo los estudiantes conceptualizan al autor, observando las dinámicas de actualización y

virtualización de este concepto a la luz de Lévy y Piaget. Participaron doce estudiantes de una escuela pública municipal del sur de Brasil, organizados en dos grupos. Los datos fueron producidos mediante redacción de cartas, ruedas de conversación, construcción colectiva del “Árbol de la autoría” y interacción digital, y se analizaron según el Análisis Textual Discursivo. Los resultados evidencian que los alumnos de 6.º curso tienden a asociar el autor exclusivamente con el escritor de libros, revelando concepciones basadas en el sentido común y heterónomas, con baja percepción de sí mismos como autores. En contraste, estudiantes de 9.º curso amplían el concepto a “creador de algo”, incluyendo diferentes lenguajes, soportes y, en algunos casos, inteligencias artificiales, lo que demuestra una mayor abstracción reflexiva y flexibilidad con las normas. Además, se reconocen parcialmente como autores. Se concluye que la conceptualización del autor influye directamente en la percepción de la autoría del alumno y puede validar o inhibir la autoría en la escuela. Se defiende la necesidad de prácticas pedagógicas intencionales que cuestionen el sentido común y favorezcan la toma de conciencia del alumno como sujeto autor.

Palabras clave: autoría, educación básica, conceptualización, virtualización.

INTRODUÇÃO

O problema da semente, por exemplo, é fazer brotar a árvore (Lévy, 1996, p. 16).

O autor é um inventor. Ele caminha pela vida problematizando experiências, produzindo sentidos em textos e inventando a si mesmo (Kastrup, 1997). A cruzar “mares nunca de antes navegados” (Camões, 2000, p. 1) ou a naufragar em “olhos de ressaca” (Assis, 2019, p. 75), autores inventam percursos narrativos, encantando-se, como Colombo e Cabral, com o território desconhecido, desafiador, fantástico ou realista da produção literária.

A literatura é uma arte que espelha o mosaico complexo do humano. Nela, coexistem paradoxos, (des)ordens, (i)lógicas, realidades e fabulações, tal como no próprio autor. Por essa razão, neste artigo, o escritor e o autor não são tomados como sinônimos. Reduzir o autor àquele que escreve seria limitar um conceito mais amplo. Ao partir de Bakhtin, acompanha-se a constituição de um autor-criador intencionado, que se revela de modos diversos em diferentes suportes e formatos textuais. Para Bakhtin (2010), o efêmero autor-criador inscreve, em textos, um momento do autor-pessoa. Assim, o autor-pessoa carrega uma espécie de autor em potencial ou virtual – denominado aqui de autor-semente –, muitas vezes ocultado ou subvertido por concepções limitantes de autoria. No ambiente escolar, também estudantes portadores de sementes da autoria, ao se registrarem em paredes, classes, silêncios, gestos, papéis, diálogos e fotos, podem não se reconhecer como autores.

Com frequência, o senso comum arrasta-nos para a concepção de autor como escritor, o que pode explicar a não percepção e até a invalidação da potência autoral presente em todo ser humano. No campo teórico, a temática também é atravessada por tensões, ora pela declaração da morte do autor (Barthes, 2004), ora pelo deslocamento do autor para a função-autor (Foucault, 2009). Embora fundamentais para o debate, tais perspectivas pouco contribuem para o reconhecimento do estudante como sujeito autor no espaço escolar. Em outra direção, a canção “Metamorfose Ambulante”, de Raul Seixas, parece nos lembrar que o autor apenas permite o registro de instantes (Bakhtin, 2010). É nesse terreno, simultaneamente complexo e instável, que se situa o estudante, também ele produtor de hipóteses sobre o autor.

Conscientes ou não, os conceitos de autor podem atuar como vetores temporários do agir no mundo. Por isso, compreender a perspectiva discente sobre a temática contribui para fundamentar as ações pedagógicas voltadas ao desenvolvimento da autoria estudantil. No atual cenário, em que a autoria humana é tensionada pela expansão de tecnologias geradoras de conteúdo, mostram-se particularmente relevantes pesquisas que retomem o debate sobre o autor no espaço escolar e investiguem os sentidos que lhe são atribuídos pelos discentes. Os estudos que examinam a autoria, a partir da perspectiva discente, são escassos.

Neste artigo, dialoga-se em forma de metáfora epistêmica¹ (Palma, 2008), com o intuito de aproximar os conhecimentos científicos e saberes não acadêmicos. Nesse movimento, a floresta, a semente, o plantio, o brotar da árvore e a colheita passam a operar como recursos imagéticos para compreensão de conceitos complexos relacionados à autoria.

Adentramos por esta floresta de significações para compreender o conceito de autor construído por adolescentes, articulando Piaget (1977; 1990; 1994; 1995) e Lévy (1996) na análise das elaborações que incidem sobre a percepção de si como autor. Esta jornada pela autoria estudantil inicia-se com a apresentação teórica das dinâmicas de atualização e virtualização do autor, que sustentam esse conceito, e prossegue com o exame da conceituação do autor pelos discentes. Ao final, trazem-se considerações pedagógicas sobre o desenvolvimento da autoria estudantil e sobre a necessidade de repensar práticas no ensino fundamental.

¹ Para Palma (2008, p. 146-146), a metáfora epistêmica cumpre “um papel central tanto na introdução de um novo termo no vocabulário científico como também na introdução de novas gerações de cientistas nos conhecimentos já estabelecidos. A metáfora constitui também um meio que possibilita que uma comunidade de falantes (comunidade científica neste caso) se refira de forma regular e coordenada a um determinado fenômeno ou substância” (tradução nossa).

AS DINÂMICAS DE AUTORIA: SEMENTE, PLANTIO, BROTAR E COLHEITA

Ao analisar a palavra “autoria”, pontos morfológicos e semânticos se mostram relevantes para uma discussão. Como substantivo abstrato, nomeia algo - não caracteriza. Porém, o que é este “algo”? O sufixo “ia” leva-nos a uma condição ou estado. Se elevarmos a autoria à qualidade de essência, poderemos enfim compreendê-la enquanto inerente à natureza humana, isto é, uma condição do que é humano: ser autor.

A autoria é semente que contém o devir, a potência do ser autor. A expressão “ser autor” desvela um ser inventivo em desenvolvimento e abrange conceituações e fazeres dinâmicos que atualizam e virtualizam o próprio autor. Logo, este agir inventivo é conectado com o viver, sendo significado e significando o próprio autorar.

Optamos pelo neologismo “autorar” para diferenciar o fazer autoral de outras ações humanas. Recheado de escolhas estéticas e posicionamentos, o autorar implica no acionamento de uma gama de ações intencionais vinculadas ao criar: fabular, selecionar, organizar, conectar, dialogar, vivenciar, estilizar, expressar, entre outros.

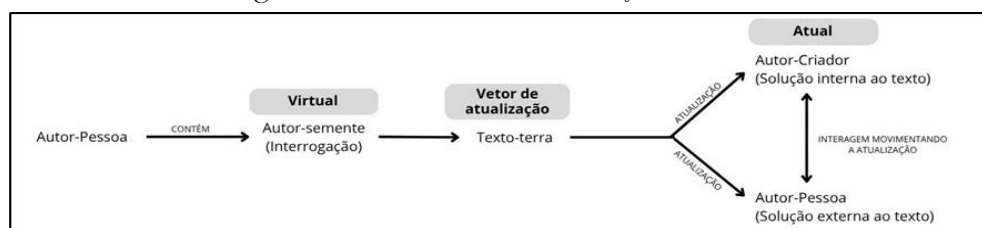
Durante o autorar, inventa-se e atualiza-se o autor e seu conceito, como num processo espiralado, movido por tomadas de consciência – processo que leva do fazer ao compreender e que, *a posteriori*, pode viabilizar que conceituações participem das ações. Compreender envolverá abstrações e reflexões sobre a ação material ou cognitiva, sobre como e porque fazemos algo de determinada maneira (Piaget, 1977).

No âmbito literário, o autor que constatamos nos diferentes textos – fotos, pinturas, canções, poemas, crônicas – é sempre um outro. Os textos gentilmente registram os momentos de um autor-criador, esta “consciência das consciências” em uma narrativa (Bakhtin, 2010, p. 11). No encerramento do texto, descola-se dele o autor-pessoa (Bakhtin, 2010), o qual continuará seu trajeto pela vida e por outras narrativas, vivenciando um ser autor até encontrar o próximo autor-criador.

O ser, verbo no infinitivo, representa um estado transitório, neste sentido, o estado “autor”. Assim, o autor-semente é virtual e carrega em si a inquietação sobre como se expressar no mundo de forma original. Para Lévy (1996, p. 16), “o virtual é como o complexo problemático, o nó de tendências ou de forças”. Enquanto complexo problemático, o autor-semente pode encontrar no texto a terra para sua atualização - “invenção de uma solução exigida por um complexo problemático” (Lévy, 1996, p. 17).

A árvore do autor, a nascer a partir do contato com o texto-terra (meio desequilibrante), será seu autor-atual, portanto a resposta para o problema do criar e expressar-se. O texto convoca o autor-semente a uma solução. Assim, o autor-pessoa resolve a si mesmo no texto como autor-criador, mas também se revisita fora dele. Constatamos uma dinâmica que é fruto do autorar (Figura 1).

Figura 1 – Dinâmica de atualização do autor



Fonte: elaboração própria, 2025.

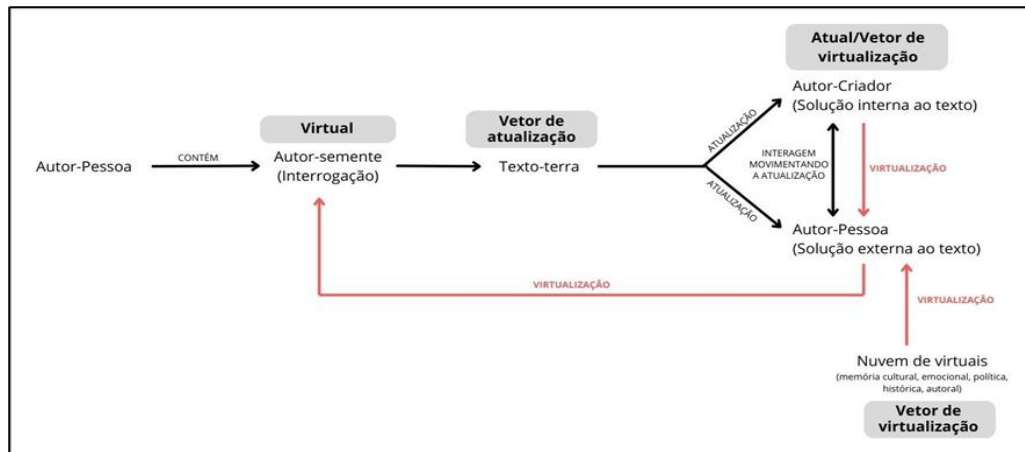
A atualização é, contudo, uma solução efêmera, pelo menos em parte, como é o próprio ser. Certa atenção, entretanto, precisa ser dada ao fato de que o autor-criador se finda num texto específico, sendo sempre outro a cada texto. Por isso, somente conseguimos dizer que não há um acabamento permanente do autor-pessoa.

Com novas sementes, ocorrerão novos brotares de autores-criadores. Serão uma, duas, três ou mais árvores do autor, configurando uma verdadeira floresta de autores para um mesmo sujeito. Esta floresta é o que Deleuze (Alliez, 1996, p. 49) denomina “névoa de imagens virtuais”. O autor é rodeado por um campo de virtualidades, formado por seu eu no mundo físico - que dialoga com fatores externos

e internos - e por seus autores-criadores registrados anteriormente em textos. Como explica Deleuze (Alliez, 1996, p. 50), “as imagens virtuais são tão pouco separáveis do objeto atual quanto este daquelas. As imagens virtuais reagem sobre o atual”, convidando o autor-pessoa à virtualização.

“A virtualização pode ser definida como o movimento inverso da atualização” (Lévy, 1996, p. 17), ou seja, a invenção novamente do problema sobre o ser autor (Figura 2), que não é mais o mesmo problema e sim um problema atualizado. O próprio contato do autor-pessoa com seu autor-criador pode levantar questionamentos sobre o ser autor.

Figura 2 - Dinâmica de virtualização do autor



Fonte: elaboração própria, 2025.

Da ação à conceitualização, ou inversamente, os discentes lidam com um processo constante de atualizações e virtualizações do ser autor. Neste artigo, saímos em busca mais profunda dos conceitos de autor, formulados no momento da pesquisa, por adolescentes que vivenciaram dinâmicas do autorar.

METODOLOGIA

Este artigo apresenta um recorte analítico da tese de doutorado sobre autoria discente (Blanco, 2024), no âmbito literário, em andamento no Programa de Pós-graduação em Educação da Unilasalle, em Canoas/RS. Os dados aqui discutidos estão concluídos e se referem ao eixo “conceito de autor”. Esta pesquisa-ação parte de algumas interrogações centrais: O que é um autor para os adolescentes? Quem pode ser um autor de histórias? Como é percebido o autor-discente na educação contemporânea? Assim, objetiva-se compreender o conceito de autor, construído por adolescentes, observando as dinâmicas de atualização e virtualização do autor e sua relação com a autoria na educação.

Participaram desta pesquisa 12 (doze) discentes, do 6º e do 9º ano, de uma escola da rede municipal de Canoas/RS. A escolha dessas etapas de escolarização considerou o início e o término dos anos finais do ensino fundamental, viabilizando um olhar sobre o desenvolvimento do conceito de autor na adolescência. A seleção dos participantes ocorreu por adesão voluntária, a partir de convite para que investigassem, com a professora pesquisadora, o que significa ser autor. Os interessados em participar assinaram o Termo de Assentimento, enquanto os responsáveis formalizaram concordância por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, vinculado ao projeto “Recontextualizar as Ciências e a Contação de Histórias para os processos de ensino e de aprendizagem da educação básica à formação de professores em nível internacional” registrado pelo Comitê de Ética em Pesquisa sob o CAAE nº 69386823.1.1001.5307.

Para lavrar o campo das incertezas, formulamos algumas estratégias que afloraram as palavras discentes, visando à descoberta conjunta do conceito de autor. A primeira proposta consistiu na escrita de uma “carta de descobrimento do autor” durante o período de aula. Mas, por que escrever cartas se estão “fora de moda”? Não escolhemos mais as cartas como forma de comunicação usual. Logo, pareceria contraditório seguir o meio de conversação dos antigos. Porém, havia finalidade pedagógica e investigativa na escolha.

Esse gênero de texto amplia o espaço da escrita, não havendo limitação quanto à sua extensão. Ainda proporciona liberdade ao “eu” para escrevê-la das mais diversas formas e sobre quaisquer assuntos. É personalizada e representativa de um momento do pensar, demandando escolhas estéticas - como formas de expressar e decisões sobre o papel de carta - e posicionamentos. A conversa com a professora-pesquisadora por carta desafiava o discente a escrita não costumeira (das redes sociais). Assim, nesta pesquisa, produzir uma carta viabilizava um autorar para pensar o autor.

Previamente a escrita, contextualizamos a carta na história da comunicação humana e destacamos sua estrutura composicional e finalidade. Para o momento de produção, anotamos no quadro algumas questões desacomodadoras que poderiam ser respondidas na carta: o que é um autor de histórias? Quem pode ser um autor? O que é preciso saber e fazer para ser um autor? Onde encontramos autores? Como um autor cria um texto? Quem pode dizer que é ou não um autor?

A segunda proposta consistiu em uma roda de conversa em data previamente agendada com os participantes. Rodas de conversa costumam ser mais próximas da realidade de sala de aula no ensino fundamental do que seria um grupo focal. Além disso, permitem um compartilhamento mais livre e descontraído das informações, como num diálogo horizontalizado (Samia, 2016).

Os discentes foram organizados em grupos de acordo com a etapa escolar, ou seja, houve uma roda de conversa exclusiva com alunos de 6º ano e outra com os de 9º ano. Não se intencionava captar a compreensão particular de um discente, mas a elaboração do grupo de alunos daquele ano. A atividade ocorreu paralelamente ao horário normal de aula, sendo organizado um espaço de conversa específico para pesquisa e igualmente agradável, na forma de café literário.

A roda contemplou duas dinâmicas para ensejar as reflexões sobre o autor, oportunizando o diálogo constante e organizado sobre o tema. A primeira dinâmica envolveu a construção coletiva de uma “Árvore da Autoria”, encabeçada por perguntas como: “o que é um autor?” na raiz; “o que é preciso para ser um autor?” no caule; e “quem pode ser um autor?” na copa.

As respostas para as duas primeiras indagações foram registradas num post-it e coladas na imagem da árvore afixada na parede da sala. Para retorno sobre a última pergunta, os alunos analisaram imagens de objetos, animais, pessoas e robôs dispostas sobre a mesa, escolhendo aquelas que julgavam responder ao questionamento e colando-as sobre a copa da árvore.

Durante as tarefas, os discentes faziam seus registros isoladamente e, ao final, conversávamos no grande grupo. As interações na roda de conversa foram gravadas e posteriormente transcritas, na intenção de complementar os registros em multimídia e captar as enunciações espontâneas do aluno.

Para compreender melhor o conceito de autor para os adolescentes, realizamos uma segunda dinâmica em meio digital. Convidamos os alunos a responderem perguntas criadas no Mentimeter: Quem se considera um autor nesta sala? Quem define quem pode ser um autor? De onde surgem estes critérios? Podemos mudar os critérios? As respostas individuais formaram nuvens de palavras, gráficos e caixas de texto, ampliando assim as discussões no grande grupo. Todas as atividades com textos multimídia se voltaram à compreensão de regras atreladas ao entendimento do que é ser um autor.

O corpus foi submetido à Análise Textual Discursiva (Moraes; Galiazzi, 2011), iniciando-se pela unitarização dos enunciados produzidos nas cartas e nas rodas de conversa. Nessa etapa, foram destacados excertos que continham sentidos significativos acerca de quem pode ser autor, do que caracteriza um autor e de como os estudantes se posicionavam em relação à autoria. Posteriormente, as unidades de sentido foram agrupadas em conjuntos semânticos provisórios, com base em aproximações e distinções recorrentes nos modos de conceituar o autor. Desse processo emergiram os bosques de autores denominados Ipê e Araucária (Quadro 1), compreendidos como categorias analíticas que reúnem diferentes níveis de conceituação.

Quadro 1 – Total de participantes por bosque

Bosque	Total de participantes da proposta	
	Carta de descobrimento	Roda de conversa
Ipê (6º ano)	6	4
Araucária (9º ano)	6	5

Fonte: elaboração própria, 2025.

A diferença no quantitativo de participantes em cada proposta deve-se à falta de alguns discentes à aula quando da realização das atividades. A nomeação metafórica das categorias preserva a lógica imagética do estudo, sem afastá-las de sua função analítica. A escolha dos nomes dos bosques tem relação com a altura das árvores e também com o fato de serem nativas do Brasil, sendo encontradas na região Sul, tal qual nossos participantes.

A interpretação das unidades de sentido ocorreu a partir de três dimensões analíticas construídas com base nas recorrências temáticas do corpus. A dimensão percepção reuniu enunciados relacionados ao reconhecimento de si, ou não, como autor. A dimensão conceituação abarcou as definições e características atribuídas ao autor pelos estudantes. A dimensão julgamento moral contemplou os critérios, regras e instâncias de validação mobilizados para determinar quem pode ser reconhecido como autor e quais produções podem ser legitimadas como autorais.

Esse panorama interpretativo é compreendido considerando as características e os limites desta investigação. Como limitações, reconhece-se a análise concentrada em apenas dois anos de escolarização e o fato de este artigo focalizar apenas o eixo “conceito de autor” de uma pesquisa mais ampla. Trata-se, portanto, de uma leitura qualitativa, que não pretende generalização, mas aprofundamento compreensivo do fenômeno investigado.

Na sequência, apresentaremos a relação de aproximação e afastamento entre os bosques, buscando traçar um panorama florestal da autoria discente. Os dados serão expostos na forma de enunciados e percentuais, acompanhados de explicações teóricas. Desse modo, predomina na pesquisa uma abordagem qualitativa, com uso complementar de dados quantitativos. Para contribuir com as discussões, articulamos a teoria construtivista de Piaget (1977; 1990; 1994; 1995) e os conceitos de atual e virtual em Lévy (1996).

CONVITE A PERCORRER BOSQUES DE AUTORES

O bosque, um aglomerado de árvores, não é tão vasto quanto uma floresta, mas é igualmente representativo da natureza. Um olhar atento permite ver que os feixes de luz que atravessam a copa das árvores de um bosque o fazem similarmente em outros. Diferem-se talvez pelo contexto em que se desenvolvem (nutrientes, clima, hidratação...). Porém, é possível que encontremos entre os vários bosques algo em comum, conectando-os para formar um panorama florestal.

Ao lermos, estratificarmos e relacionarmos os enunciados em textos escritos, reflexões orais e esquematizações, adentramos no bosque de cada grupo de autores². Para conhecê-los, escolhemos três dimensões de análise: percepção; conceituação; e julgamento moral. Estas dimensões contribuem para compreensão do conceito de autor em cada bosque no instante da pesquisa.

Nas propostas para autorar, descritas na metodologia, evidenciamos as dinâmicas de atualização e também virtualização e caminhamos com os discentes para a conceituação do autor. Convidamos o leitor a um passeio em cada bosque para compreender as intersecções existentes no panorama florestal da autoria – composto de uma quantidade maior de bosques, neste caso, o bosque Ipê e Araucária. Neste estão contidas similaridades e diferenças existentes dentro de uma mesma floresta.

Na **dimensão conceituação**, o Bosque Ipê associa o autor, de modo predominante, à figura do escritor de livros, concepção replicada nos diferentes desafios da pesquisa. Constatamos, assim, certa solidez e reforçamento desse entendimento ao longo das atividades. Para os Ipês, o autorar parece consolidar-se apenas quando vinculado a critérios socialmente legitimados de escrita, sobretudo à produção de livros, como se observa nos enunciados em sequência.

[...] escrever livros. (Autor 6.1)

[...] escrever livros. (Autor 6.2)

[...] ter responsabilidade e (ser) cuidadoso com as coisas. (Autor 6.3)

² Esclarecemos que cada sujeito autor possui seu bosque particular - composto por seus vários autores-criadores e suas nuvens de virtuais - que pode se conectar, por haver caracteres comuns, com outros bosques de autores, formando um bosque maior.

[...] saber escrever e saber vender os livros. (Autor 6.4)

[...] saber ler, escrever e ter uma imaginação de outro nível! Que consegue inventar histórias únicas! Sabe? (Autor 6.5)

[...] ter criatividade e saber escrever. (Autor 6.6)

Entretanto, há névoa no bosque quando se trata da definição de autor, visto que os critérios parecem ser pautados no senso comum tanto quanto o conceito de autor. Quando instigados a explicar de maneira mais clara os critérios para ser um autor, dizem não saber fazê-lo. Apesar disso, creem ser capazes de mudar os parâmetros, mas só de vez em quando e “que não dá assim de mudar totalmente” (Autor 6.6).

A maioria indica que adultos e adolescentes são munidos de autorização para definir o autor, contudo, é interessante a afirmação de que ainda não são adolescentes. Logo, não se julgam aptos a “legislar” sobre o assunto. Somente um participante se deu conta que, durante as atividades, estavam definindo possíveis autores - como escritores de livros; professores; adolescentes – e lugares onde conseguimos encontrá-los.

[...] Se você der sorte pode encontrar em uma biblioteca dando autógrafo. (Autor 6.1)

[...] Encontrei autores nos livros. (Autor A6.2)

[...] Encontramos autores em livros. (Autor A6.3)

[...] Encontramos autores na feira do livro. (Autor 6.4)

E para encontramos um autor tem vários lugares. Como feiras de livros, bibliotecas e em entrevistas. (Autor 6.5)

Os autores podem ser encontrados em feiras do livro. (Autor 6.6)

Verificamos que a **dimensão julgamento moral** é marcada por instabilidades e incertezas quanto aos critérios de validação da autoria, pela percepção de ilegitimidade dos adolescentes para definir quem pode ser autor e por regras pautadas no senso comum. Tal instabilidade também limita o conceito de autor, tanto que, quando o tema é problematizado, argumentos que pareciam tender à ampliação de variáveis rapidamente retrocedem a “um autor é um escritor de livros” (Sujeito A6.6).

Este registro cognitivo do significado de autor acaba por interferir na própria percepção de si enquanto autor: 75% não se consideram autores; 25% não têm certeza se podem ser autores. Na **dimensão percepção**, o bosque Ipê revela estudantes com menor reconhecimento de si como autores:

Não, não estou dizendo que eu não posso, só que eu não sou autor. (Autor 6.6)

Acho que não sou boa em escrever e criar textos. (Autor 6.3)

Não gosto de escrever. (Autor 6.4)

A percepção, a conceituação e o fazer caminham juntos, pontuam as regras e hierarquias do pensamento. No Bosque Ipê, o escritor de livros é colocado no topo da pirâmide de possibilidades da autoria, sendo este o conceito de autor atualizado. Por conseguinte, os discentes não se consideram autores, sentem-se incapazes de autorar e passam, por vezes, a renunciar à escrita como forma de expressão. Notamos, entretanto, que a problematização do conceito de autor de maneira objetiva durante a pesquisa, guiada mais pela pesquisadora do que pelo diálogo entre pares, virtualizam o autor em nova semente menos rígida e mais complexa.

Migrando-se para o Bosque Araucária, verificamos alteração na forma de pensar o autor:

Se todo mundo parar um pouco, fechar o olho e prestar atenção no que está pensando, todo mundo vira um autor. (Autor 9.6)

Na **dimensão conceitual**, no Bosque Araucária, há uma ampliação do entendimento de autor para alguém que cria algo, ou seja, verifica-se uma atualização conceitual. Contudo, é preciso destacar que o pensamento “autor é um escritor” não desapareceu, apenas admitiu outras possibilidades.

É com um enorme prazer que lhe escrevo esta carta e lhe digo que um autor não precisa ser esses grandes famosos. Um autor pode ser estes a se sentar e escrever. (Autor 9.1)

Todo mundo pode ser um autor, porque a arte é tudo e encontramos autores em qualquer lugar do mundo. (Autor 9.2)

Ser autor é quem cria alguma coisa e essas coisas são obras literária artística, científica... Autor pode ser escritor, músico, artista, e entre outras coisas. (Autor 9.3)

Autor é quem cria uma obra, ou dá origem a alguma coisa, especialmente uma obra literária, científica ou artística... um autor pode ser um escritor, compositor, cientista, ou qualquer pessoa que crie e imaterialize uma obra original. (Autor 9.5)

O grupo demonstrou estar habilitado para o diálogo na roda de conversa, surgindo elementos novos e reflexões bastante intrigantes. Percebe-se, na prática, processos de virtualização do autor ocorrendo. Transcrevemos, em sequência, alguns trechos do diálogo acalorado entre os participantes para que percebam as ponderações que foram efetuadas.

- Um cachorro pode ser um autor. – Diz em tom de ironia o Autor 9.2.
- Não, não pode! – Responde o Autor 9.6.
- Os animais pode ser autor também, porque tem vários filmes de cachorro. – Menciona o Autor 9.2.
- Mas ele não escreveu nenhum. – Retruca o Autor 9.6.
- Autor é diferente de ator, é diferente. – Afirma com indignação o Autor 9.4.
- Não é não, são sinônimos né sora? – Questiona o Autor 9.2.

Este nível de discussão não aconteceu no Bosque Ipê, pois, retraídos, mostravam-se com receio de não ter as respostas corretas e, como vimos, não se autorizavam enquanto sujeitos a traçar definições sobre o tema. Enquanto isso, no Bosque Araucária, surge a possibilidade do erro e da incerteza como parte do processo e que ilustra as ações cognitivas que estão ocorrendo:

No trabalho, botei que ser um autor é ter que demonstrar sentimentos, mas eu acho que tá errado. (Autor 9.2)

Neymar pode ser um autor, né? Ele é autor de vários gols. (Autor 9.2)

Porém, em certos momentos, nota a busca por uma resposta de autoridade, como se a escola tivesse as respostas “certas” para o que é um autor: “É alguém que escreve né, sora?” (Autor 9.1)

Para o grupo Araucária, escritores de livros, pessoas famosas, adolescentes, adultos, alunos, professores, robôs ou IA (Inteligência Artificial) e crianças podem ser autores. Ficam de fora do universo da autoria outros seres vivos e seres inanimados. Notamos a ampliação de variáveis, pelo quantitativo de post-it e fotografias na produção da árvore da autoria, quando relacionamos o Bosque Ipê (Fotografia 1) com o Bosque Araucária (Fotografia 2).

Fotografia 1 – Bosque Ipê



Fonte: elaboração própria, 2025.

Fotografia 2 – Bosque Araucária



Fonte: elaboração própria, 2025.

Durante as tarefas, emergiu um achado não previsto inicialmente por estas pesquisadoras e que ensejou novas pesquisas (Blanco, 2025; 2026). Embora tal questão apareça aqui como achado emergente secundário, ela suscita reflexões futuras sobre como se dá o encontro comunicativo entre inteligências – humana e artificial – e se a Inteligência Artificial (IA) é ponderada como autora.

Neste artigo, a menção à IA é relevante por explicitar um processo de metacognição discente, na medida em que alguns estudantes avaliam a IA como capaz de estabelecer conexões, organizar ideias e produzir textos de modo semelhante ao humano. Enquanto o Bosque Ipê afirmava “Porque é IA, não é uma pessoa que escreve” (Autor 6.6) e “Já pensou, sora? Escritor do livro: IA 2.0” (Autor 6.4), o Bosque Araucária apresentava inferências bastante significativas: “porque ele é autor de muita coisa... Se tu pede, a inteligência artificial escreve um monte de coisa” (Autor 9.6).

Na **dimensão julgamento moral**, a criatividade, a expressão de sentimentos, a força de vontade, ter conhecimento e imaginação surgem como critérios para autoria nas tarefas:

Tudo que um autor precisa é ter criatividade, disposição e vontade, pois é com essas características é a forma como se monta um autor. (Autor 9.1)

[...] e pra conseguirmos ser autores precisamos fazer arte, e uma arte não precisa ser um desenho ultra realista, mas sim envolver sentimentos, mostrar o sentimento da arte para o observador. (Autor 9.2)

Ser autor é saber desenhar, pintar, escrever textos, saber português. (Autor 9.3)

Para ser autor é preciso ter habilidades de leitura, escrita e interpretação de texto, além de busca conhecimento pela língua portuguesa e técnicas de escrita. (Autor 9.5)

Ao passo que no Bosque Ipê as referências sobre espaços de encontro com autores eram restritas a bibliotecas e feiras de livro, verificamos no Bosque Araucária que um autor pode estar em qualquer lugar: “nas ruas, nas internets, nas escolas, nas histórias” (Autor 9.3).

Ao serem indagados sobre a possibilidade de mudar critérios de definição de um autor, consideram que legislar sobre o assunto envolve consenso social e que uma única pessoa não poderia efetuar grandes alterações. Também parece existir algo maior e externo que inviabiliza determinadas mudanças, de modo que precisam analisar e pontuar bem os aspectos passíveis de alteração ou não. Desta forma, a dimensão julgamento moral aponta igualmente para uma ampliação de possibilidades e para uma análise que tende mais para a lógica.

Quando questionados sobre serem ou não autores, 60% afirmam sê-lo. Com a ampliação do conceito de autor e das regras no entorno desta definição, a percepção parece acompanhar a mudança: “eu não escrevo livros, eu escrevo a minha história” (Autor 9.6). Assim, na **dimensão percepção**, o bosque Araucária reconhece que adolescentes, incluindo os próprios participantes, podem ser autores. Porém, esta percepção ainda se mostra frágil. Se essa percepção é tensionada ou invalidada, notamos o retorno à perspectiva do “eu nunca publiquei algo” (Autor 9.4).

Em síntese, na dimensão conceituação, evidenciamos a ampliação da compreensão de autor do Bosque Ipê ao Bosque Araucária. Esse movimento também se verifica na dimensão percepção, favorecendo o reconhecimento de si como autor, ainda que de forma instável. Observamos, por sua vez, que a dimensão julgamento moral incide de forma decisiva sobre a conceituação, sobretudo quando reafirma critérios ancorados no senso comum e dificulta a problematização lógica das regras e das formas de legitimação da autoria. Essas dimensões serão aprofundadas teoricamente na sequência, a fim de compor o panorama florestal da autoria discente.

UM PANORAMA DA FLORESTA DE ALUNOS-AUTORES

Sempre e por toda parte, o contingente das regras e das opiniões ambientes pesa sobre o espírito do individual, em virtude de uma coação mesmo ínfima (Piaget, 1994, p. 83).

Se refletirmos, em diálogo com Piaget (1994), notaremos que tanto as normas lógicas quanto as morais não são inatas, são desenvolvidas. As árvores mais jovens da nossa floresta são os Ipês, os quais estabelecem caracteres lógicos e alinhados com a concepção de autor como “escritor de livros”. Identificam poucas variáveis pertinentes ao fazer de um escritor e não se sentem capazes de explicá-las. A definição de autor como escritor alinha-se com um pensamento mais concreto (Piaget, 1990), que se apoia no observável.

O brotar do Ipê revela um autor atual que não se percebe autor, negando seu próprio autorar. As problematizações sobre o conceito de autor que não se mostram presentes, possivelmente por entenderem que não há o que questionar ou alterar. Trata-se de um pensar heterônomo (Piaget, 1994) que delega poderes para definições conceituais para terceiros. Por isso, as virtualizações não ocorrem ou se acontecem provavelmente são distorcidas pela persistente atualização da noção de autor como escritor - reforçada pelo senso comum e, arriscamos dizer, pelo sistema educacional.

As árvores mais antigas e mais altas da floresta, as Araucárias, complexificam o conceito de autor ao tratá-lo de forma mais abstrata por “criador de algo”, admitindo quaisquer seres humanos e inclusive os não humanos. Dessa maneira, o número de variáveis se amplia, incorporando as observáveis e abstratas. Os lugares de exercício da autoria também deixam de ser apenas físicos para englobar o digital e o ficcional. Notamos uma aproximação deste grupo com o pensamento formal (Piaget, 1990).

Veremos brotar Araucárias representantes de um autor atual que cria, inventa e começa a considerar-se autor, apesar das incertezas momentâneas de uma árvore ainda em desenvolvimento. As Araucárias se aprofundam nas discussões, efetuando questionamentos e procurando por certa lógica nas afirmações efetuadas pelos integrantes do grupo, virtualizando com frequência o já conhecido sobre o autor.

Demonstram inclusive divertimento na contrariedade e na procura por consensos, ou seja, voltam-se à racionalização e à regra coletiva. Justamente, por isso, destacam que alterações de critérios precisam ser validados por um coletivo. Assim, há uma relação mais forte de reciprocidade entre os participantes. Enquanto isso, os Ipês investem na cooperação, mas parecem estar em transição de uma fase de heteronomia para autonomia (Piaget, 1994). O raciocínio formal e o questionar das regras ainda está em processo.

Na floresta, a maioria das árvores busca por uma autoridade (professor) que valide suas concepções. Esta necessidade talvez seja fruto da configuração da educação brasileira atual, em que o professor permanece numa linha vertical em relação aos discentes e que os posiciona fora do diálogo, apenas ofertando conceitos tomados como verdades absolutas.

Os julgamentos morais sobre o ser autor também atuam para a construção de um conceito mais ou menos passível de abstração reflexionante ou atualização, o qual tende a interferir nas ações dos discentes. Piaget (1977) nos lembra que a ação precede a conceituação. Assim, um autor-pessoa agirá produzindo textos e se atualizará como autor-criador na própria prática, sem garantias de que haja tomada de consciência de si como autor. Logo, é comum que atuem como um autor sem se perceberem como um. Identificar-se como autor parece exigir certa tomada de consciência sobre o autorar, ou seja, um processo de virtualização envolvendo o conceito de autor.

Ainda, conceitos podem passar por distorções ou reforçamentos sociais, neste caso em específico, fazendo com que questionamentos mais insistentes (fator desequilibrante) lancem o sujeito ao conhecido, como o senso comum “escritor de livros”, ou instiguem a abstração refletida que viabiliza a virtualização de um novo conceito. Nesta floresta, foi mais frequente entre as árvores o retorno ao conhecido.

A percepção de si enquanto autor é frágil ou inexistente, podendo implicar no desgostar da expressão por meio da escrita. Ou seja, a conceituação deformada ou incompleta se manifesta na prática. Ainda que presente o autorar nos mais diversos formatos durante toda pesquisa, os discentes desta floresta nem sempre se reconhecem como autores, o que é facilmente explicável pelo engessamento do conceito de autor. Desta forma, o conceito atual construído atua (in)validando o eu autor ou o próprio fazer autoral.

O panorama florestal da autoria discente revela árvores que crescem sob diferentes condições, relacionadas ao estágio de desenvolvimento cognitivo dos estudantes. No Bosque Ipê, o solo ainda se mostra endurecido por uma noção concreta e restritiva de autor como escritor de livros, o que valida o atual e dificulta a abertura de espaço para novas compreensões e enfraquece a percepção de si como autor. Nesse contexto, a virtualização não chega a romper as amarras limitantes da autoria, visto que os discentes não costumam permitir a si mesmos problematizar o tema. Essa dificuldade de virtualização pode ser explicada, em parte, pela dimensão julgamento moral, que se mostra predominantemente heterônoma.

No Bosque Araucária, o conceito se expande, incorpora novas variáveis e permite maior problematização dos critérios de legitimação, favorecendo um autorreconhecimento de si como autor, embora ainda instável. Assim, a floresta evidencia que conceituação, percepção e julgamento moral se entrelaçam: à medida que o conceito de autor, perpassado por julgamentos morais, se amplia ou se estreita, ampliam-se ou se restringem também as percepções da autoria estudantil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Num panorama florestal da autoria, identificamos que o desenvolvimento do conceito de autor, atrelado à orientação da consciência moral e ao estágio cognitivo, está intimamente relacionado com a elaboração mais complexa do pensamento das árvores Araucárias (discentes de 9º ano) tanto no plano da atualização quanto da virtualização do autor. Constatamos que a percepção de si enquanto autor está em congruência com a conceituação amplificada (criador ou inventor) e o julgamento flexível sobre o ser autor. Há que se pensar, no entanto, que o autor-semente, para sair do estado de latência, necessita de condições ambientais e climáticas adequadas. Logo, o ambiente da escola precisa ser vislumbrado enquanto espaço de cultivo da autoria.

A atualização e virtualização do conceito de autor relacionam-se fortemente com a tomada de consciência na experimentação e reflexão cotidiana na escola. Entretanto, apesar da tendência ao reconhecimento paulatino de um si autor e à atualização do conceito de autor, a educação parece não caminhar na direção do questionamento do senso comum, assim, não instigando a virtualização, e tampouco possibilitando a validação do sujeito autor na educação básica, para atualização da semente à árvore.

A metáfora do panorama florestal revela-se produtiva para compreender a formação do conceito de autor, constituído a partir das dinâmicas de atualização e virtualização. Fica evidente que a validação do autor não depende apenas do desenvolvimento cognitivo dos discentes, mas também da ampliação conceitual promovida pelo diálogo em sala de aula e pelo autorar, que funcionam como desencadeadores de tomadas de consciência.

Eventualmente, na escola, a atualização acontece de forma aleatória e sem intencionalidade pedagógica, não contribuindo para a árvore nascer com toda sua potência. Nesta pesquisa, trouxemos propostas metodológicas que igualmente propiciam ações pedagógicas, tencionando o aluno a autorar e simultaneamente problematizar (virtualizar) o conceito de autor. Interrogações emergiram, durante a escrita do artigo, sobre a possibilidade da conceituação do autor se conectar com a prática discente autorar – o que pretendemos explorar com mais afinco em futuras pesquisas.

REFERÊNCIAS

- ALLIEZ, Éric. *Deleuze filosofia virtual*. Tradução de Heloisa B. S. Rocha. São Paulo: Editora 34, 1996. (Coleção TRANS).
- ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro* [recurso eletrônico]. 2. ed. Brasília: Câmara dos Deputados; Edições Câmara, 2019. (Série Prazer de Ler, n. 7).
- BAKHTIN, Mikhail. *A estética da criação verbal*. 5. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.
- BARTHES, Roland. A morte do autor. In: BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004. p. 57–64.
- BLANCO, Vanessa Just. *O autor sumiu ou você não viu? desenvolvimento das autorias discentes em produções textuais multimídias*. Projeto de tese (Doutorado em Educação), aprovado em exame de qualificação em 10 dez. 2024 – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade La Salle, Canoas, 2024.
- BLANCO, Vanessa Just. *Aventurando-se pela inteligência artificial: diálogos sobre potencialidades e limites da comunicação digital*. Trabalho apresentado em: III Simpósio de Tecnologias na Educação (SIMTED), 2025, Canoas. Apresentação oral, 10 set. 2025.
- BLANCO, Vanessa Just; BACKES, Luciana. *Autor humano ou digital? (Des)encontros entre inteligências no ambiente escolar*. Trabalho apresentado em: VI Congresso Internacional RicOnlife e X Festival Internacional do We, Learning with the Cybricity (WLC), 2026. Apresentação oral, 13 mar. 2026.
- CAMÕES, Luís de. *Os Lusíadas*. 4. ed. Lisboa: Ministério dos Negócios Estrangeiros; Instituto Camões, 2000.
- FOUCAULT, Michel. *Estética: literatura e pintura, música e cinema*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009. (Coleção Ditos & Escritos III).
- KASTRUP, Virgínia. *A invenção de si e do mundo: uma introdução do tempo e do coletivo no estudo da cognição*. Tese (Doutorado em Psicologia). São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1997. Disponível em: <<https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/15781>>. Acesso em: 10 out. 2025.
- LÉVY, Pierre. *O que é virtual?* Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 1996. (Coleção TRANS).
- MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. *Análise textual discursiva*. 2. ed. Ijuí: Editora Unijuí, 2011. (Coleção Educação em Ciências).
- PALMA, Hector. *Filosofía de las Ciencias: Temas y problemas*. San Martín: UNSAMedita (Universidad Nacional de San Martín), 2008.
- PIAGET, Jean. *Abstração reflexionante: relações lógico-aritméticas e ordem das relações espaciais*. Tradução de Fernando Becker e Petronilha Beatriz Gonçalves da Silva. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
- PIAGET, Jean. *O juízo moral na criança*. Tradução de Elzon Lenardon. São Paulo: Summus, 1994.
- PIAGET, Jean. *Epistemologia genética*. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- PIAGET, Jean. *A tomada de consciência*. São Paulo: Melhoramentos; USP, 1977.

SAMIA, Mônica Martins. *Diálogos formativos: singularidades nas experiências de formadores da educação infantil*. Tese (Doutorado em Educação). Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/19038>. Acesso em: 13 out. 2025.

Submetido: 16/03/2026
Aprovado: XX/XX/XXXX
Editor(a) de seção:

DECLARAÇÃO SOBRE DISPONIBILIDADE DE DADOS

Por meio deste formulário os autores informam o periódico sobre a conformidade do manuscrito com as práticas de comunicação da Ciência Aberta. Os autores são solicitados a informar: (a) se o manuscrito é um preprint e, em caso positivo, sua localização; (b) se dados, códigos de programas e outros materiais subjacentes ao texto do manuscrito estão devidamente citados e referenciados; e, (c) se aceitam opções de abertura no processo de avaliação por pares.

Preprints

Depósito do manuscrito em um servidor de preprints reconhecido pelo periódico.

O manuscrito é um preprint?

Não

Disponibilidade de Dados de Pesquisa e outros Materiais

Os dados não podem ser disponibilizados publicamente. A autorização para acesso aos dados é exclusiva da pesquisadora para o Doutorado por compreender participantes menores de idade.

Aberturas na avaliação por pares

Os autores poderão optar por um ou mais meios de abertura do processo de peer review oferecidos pelo periódico.

Quando oferecida a opção, os autores concordam com a publicação dos pareceres da avaliação de aprovação do manuscrito?

Sim

Não

Quando oferecida a opção, os autores concordam em interagir diretamente com pareceristas responsáveis pela avaliação do manuscrito?

Sim

Não

DECLARAÇÃO DE CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Autor 1 – Participação ativa na análise e coleta de dados, bem como na escrita e revisão do texto final.

Autora 2 – Orientadora da pesquisa, participação ativa na análise de dados e escrita, bem como na revisão do texto final.

DECLARAÇÃO DE CONFLITO DE INTERESSE

Os autores declaram que não há conflito de interesse com o presente artigo.

DECLARAÇÃO DE APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA

Os autores declaram que a pesquisa foi formalmente autorizada pelas autoridades da instituição onde a pesquisa foi desenvolvida, cumprindo os procedimentos internos estabelecidos para a realização de atividades de pesquisa. Em relação à aprovação por um Comitê de Ética, informa-se que a pesquisa está vinculada ao projeto “Recontextualizar as Ciências e a Contação de Histórias para os processos de ensino e de aprendizagem da educação básica à formação de professores em nível internacional” registrado sob o CAAE nº 69386823.1.1001.5307. Os autores asseguram que, durante toda a pesquisa, foram cumpridos os princípios éticos fundamentais: voluntariedade, consentimento informado, confidencialidade e resguardo das informações das pessoas participantes.

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.